

## Jonathan Edwards: Teólogo do avivamento

Me. Yann da Silveira Vieira Lessa<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objeto a compreensão do pensamento de Jonathan Edwards acerca dos avivamentos que ocorreram em sua época. As reflexões de Edwards são de inestimável valor para um posicionamento equilibrado com relação às manifestações fantásticas que podem ocorrer em períodos da igreja. Em sua época ocorreu o que é chamado de Grande Despertamento, um período de intenso avivamento religioso, e Edwards apresenta um ponto de vista que mantém tanto a fé quanto a crítica, reconhecendo que nem tudo que parece ser obra salvífica do Espírito Santo realmente o é.

### PALAVRAS-CHAVES

Avivamento, Edwards,  
Espírito Santo

Como pretensos avivamentos devem ser encarados pelo cristão? Qual deve ser a postura diante de manifestações extraordinárias? Aqueles que buscam fazer uma análise equilibrada do assunto, unindo fé e precaução, percebem uma ausência de boas referências teológicas que exploraram o assunto de maneira profunda e satisfatória. Conhecer o pensamento de Jonathan Edwards sobre os avivamentos e a obra do Espírito Santo se torna, então, um farol. Com rigor bíblico e um coração pastoral, Edwards analisa os despertamentos de sua época, percebendo erros e acertos tanto na visão dos entusiastas quanto na dos céticos.

### 1. Avivamento vivenciados

A experiência de Edwards com avivamentos começa cedo, na congregação que seu pai, Timothy, pastoreava em East Windsor. Em sua *Fiel Narrativa da Surpreendente Obra de Deus na Conversão de Centenas de Almas em Northampton*, ele relata que a igreja de seu pai foi favorecida, pela misericórdia de Deus, com quatro ou cinco períodos de derramamento do Espírito, que causou despertamento entre o povo, com reconhecimento de pecado e com um intenso anseio pelas coisas celestes<sup>2</sup>. Na congregação de seu avô Stoddard, em Northampton, não foi diferente. Stoddard relatou a Edwards que houve cinco momentos em seu ministério com grande colheita de almas. Uma das marcas desses períodos era a preocupação dos jovens com a sua salvação eterna<sup>3</sup>.

Em seu ministério em Northampton, após a morte de seu avô, também houve grande avivamento. Um período, relatado por Edwards, de despertamento generalizado, marcado por

<sup>1</sup> Mestrado em Teologia (M.Div) pelo Seminário Martin Bucer e Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

<sup>2</sup> EDWARDS, Jonathan. **The Great Awakening**. New Haven and London: Yale University Press, 1972, p.154.

<sup>3</sup> EDWARDS, 1972, p. 146.

conversas espirituais em todos os lugares. As mentes dos indivíduos pareciam ter sido retiradas do mundo, as obrigações seculares não mais ocupavam o centro dos pensamentos. Os indivíduos estavam conseguindo vencer as tentações e passavam muito tempo se exercitando na religião, com leituras e orações e se encontrando nas casas. Todos buscavam fugir da ira vindoura e salvar suas almas. Perdidos se convertiam em massa e aqueles já convertidos eram despertados, de modo que a própria cidade parecia diferente. Apesar de não ter a presunção de julgar quantas pessoas haviam verdadeiramente se convertido, ele espera que mais de trezentas almas tenham sido salvas num espaço de seis meses<sup>4</sup>. Os cultos se tornaram mais belos, com todos voltados à adoração. Nas palavras de Edwards:

Nossas reuniões públicas eram então lindas; a congregação estava viva no culto a Deus, cada um com uma intenção sincera na adoração pública, todo ouvinte desejoso de beber das palavras do ministro como elas vinham de sua boca; a assembleia em geral estava, de tempos em tempos, em lágrimas enquanto a Palavra era pregada; alguns chorando com tristeza e angústia, outros com alegria e amor, outros com piedade e preocupação pela alma de seus vizinhos<sup>5</sup>. [*Tradução nossa*].

A adoração pública também foi avivada, com grande elevação de vozes e corações a Deus. Os jovens se reuniam para refletir nas maravilhas do Senhor e até nos casamentos havia preocupação com assuntos da religião e eram marcados por uma alegria espiritual. Esse derramamento do Espírito de Deus se espalhou por muitas outras cidades ao longo do país<sup>6</sup>, não encontrando barreiras geográficas ou sociais. Esta obra de Deus alcançou todo tipo de gente, “sóbrio e viciado, alto e baixo, rico e pobre, sábio e não sábio” [*Tradução nossa*]<sup>7</sup>. Crianças foram tocadas pela obra de Deus, até mesmo uma de quatro anos de idade, bem como muitos afrodescendentes.

Edwards também experimentou o seu próprio avivamento pessoal. Antes de sua conversão, ele teve dois períodos de despertamento, quando suas disposições e pensamentos mudaram. Primeiro quando ele era um garoto, durante um dos despertamentos na congregação de seu pai. Por meses ele pensava intensamente nas coisas celestes, orava e servia; suas afeições se moviam facilmente. Porém, com o tempo isso passou, ele abandonou a oração e retornou a um

<sup>4</sup> EDWARDS, 1972, p. 158.

<sup>5</sup> “Our public assemblies were then beautiful; the congregation was alive in God’s service, every one earnestly intent on the public worship, every hearer eager to drink in the words of the minister as they came from his mouth; the assembly in general were, from time to time, in tears while the Word was preached; some weeping with sorrow and distress, others with joy and love, others with pity and concern for the souls of their neighbours”. In: EDWARDS, 1972, p. 151.

<sup>6</sup> Como relatado por Edwards em: EDWARDS, 1972, p. 153-156.

<sup>7</sup> “Sober and vicious, high and low, rich and poor, wise and unwise”. In: EDWARDS, 1972, p. 157.

caminho de pecado. Segundo, quando estava na faculdade e lutava internamente com seus pecados. Ele fazia votos e resoluções para tentar ser diferente, buscava a salvação e se ocupava de afazeres religiosos, mas ainda não possuía aquele tipo verdadeiro de afeição e o prazer. Esse doce deleite interior em Deus só viria algum tempo depois. A primeira vez foi ao ler 1 Timóteo 1.17; foi quando veio a ele um novo senso da glória de Deus que inundou seu ser e o fez orar e cantar com novas afeições. Desde então, ele passou a ter novas compreensões da obra de salvação de Cristo e se deleitar na Palavra. Esse senso do divino cresceu trazendo doçura interna, de modo que até a natureza fazia seus pensamentos subirem a Deus<sup>8</sup>. Comparando as experiências após a verdadeira conversão com aquelas de quando era um garoto ele escreve:

Os deleites que eu agora sentia nas coisas da religião eram de um tipo extremamente diferente daqueles mencionados anteriormente, que eu tinha quando menino; e do que então eu não tinha mais noção do que um cego de nascença tem de cores agradáveis e bonitas. Eles eram de uma natureza mais interior, pura, animadora e refrescante. Essas delícias anteriores nunca chegaram ao coração; e não surgiram de nenhuma visão da excelência divina das coisas de Deus; ou de qualquer gosto do bem que satisfaz a alma e dá vida que havia neles. [Tradução nossa]<sup>9</sup>.

Tais vivências, somadas a uma vasta experiência pastoral, levaram Edwards a refletir sobre quais seriam as marcas de uma verdadeira obra do Espírito Santo, que demonstram uma conversão real.

## 2. Marcas da verdadeira obra do Espírito

Jonathan Edwards teve que lidar com algumas questões por causa dos avivamentos: qualquer ação aparentemente sobrenatural é obra do Espírito? Experiências fantásticas são garantias do Espírito de que a pessoa afetada é salva? Pessoas que retornam a uma vida de pecado após experiências fantásticas demonstram que tais experiências não vêm do Espírito? Essas e outras questões fizeram com que ele se debruçasse sobre o tema, estudando-o ao longo das Escrituras e tendo como base as suas experiências pastorais em Northampton. Ele se ocupa com essas questões em sua obra *Afeições Religiosas*.

Pode-se definir afeições religiosas, de maneira resumida, como experiências, inclinações ou intensos sentimentos advindos da religião. Porém, nem toda afeição religiosa é necessariamente fruto de um coração afetado por Deus, por meio do Espírito Santo, de modo salvífico. Muitas

---

<sup>8</sup> Relatos do próprio Edwards, presentes em: Samuel Hopkins e John Hawksley, *Memoirs of the Rev. Jonathan Edwards*. London: W. Hughes, 1815, p. 45-55.

<sup>9</sup> “The delights which I now felt in the things of religion, were of an exceedingly different kind from those before mentioned, that I had when a boy; and what then I had no more notion of, than one born blind has of pleasant and beautiful colours. They were of a more inward, pure, soul-animating, and refreshing nature. Those former delights never reached the heart; and did not arise from any sight of the divine excellency of the things of God; or any taste of the soul-satisfying and life-giving good there was in them.” In: Hopkins; Hawksley, 1815, p. 56.

foram as experiências que os cristãos tiveram durante os despertamentos, e muitos passaram a considerar isso como sinal do verdadeiro agir de Deus. São doze as experiências de afeições religiosas listadas em seu livro que não se configuram, para ele, sinal inquestionável do agir da graça especial de Deus. Algumas são: afeições com forte efeito no corpo; afeições que trazem passagens das Escrituras à mente; afeições com aparência de amor; afeições que levam a pessoa a dedicar tempo à religião; afeições que levam a adorar a Deus com os lábios; afeições que produzem uma confiança extraordinária na salvação. É importante ressaltar que Edwards não se opõe a nenhuma dessas experiências, mas pede cautela para que não se avalie de maneira equivocada como obra de Deus algo que pode ser fruto de meras emoções, de espíritos estranhos ou até mesmo obra da graça comum de Deus.

Em seguida, na terceira parte do livro, ele apresenta verdadeiros sinais de uma obra do Espírito Santo. Seu desejo não é se tornar um juiz da salvação alheia, mas apresentar verdades bíblicas proveitosas para que alguém não se engane com falsos sinais:

No entanto, o estabelecimento de boas regras pode ser um meio de frustrar esses hipócritas e de convencer muitos outros tipos de hipócritas; e Deus pode convencer até esses, sua graça não tem limite, tampouco nenhum recurso deve ser ignorado. Ademais, essas regras podem ser úteis para os santos verdadeiros detectarem as afeições falsas que porventura tenham confundido com as genuínas e, quem sabe, sejam um meio de tornar mais pura sua religião, como o ouro provado pelo fogo<sup>10</sup>.

Edwards apresenta, então, doze sinais de uma atuação genuína e salvífica do Santo Espírito. Primeiramente, deve ser uma atuação sobrenatural de Deus no homem; é a habitação do Espírito Santo no homem que torna alguém espiritual. O Espírito infunde no homem uma nova natureza. Muitas experiências são somente fruto da imaginação e podem até mesmo levar as pessoas para longe de Deus. Alguns em sua época acreditavam que por meio de impressões na mente era que o Espírito testificava ao espírito que alguém era salvo; porém, Edwards demonstra que essa prova que o Espírito concede é por meio da mudança de natureza, a recepção do espírito de adoção, que leva alguém a agir de acordo com essa nova natureza. Essa é a prova do Espírito de que alguém é salvo:

Qual é a garantia e a instauração da glória senão a própria graça, sobretudo em sua atividade mais expressiva e mais clara? Não é profecia nem línguas, nem conhecimento, mas essa coisa divina mais excelente, a "caridade que jamais se acaba", ela é a prelibação e o início da luz, do dulçor e da bem-aventurança do céu, aquele mundo de amor, ou caridade. A graça é a semente da glória e o raiar dessa glória no coração; por isso a graça é a garantia da herança futura. [...] Logo, pelo que se percebe, o testemunho do Espírito que o apóstolo menciona está longe de ser um sussurro, uma sugestão ou revelação direta, mas é aquele efeito

<sup>10</sup> Jonathan Edwards, **Afeições Religiosas**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 119.

santo e cheio de graça do Espírito de Deus no coração dos santos, a disposição e o estado de ânimo de filhos, os quais se manifestam num doce amor filial a Deus, amor que lança fora o medo e o espírito de escravidão<sup>11</sup>.

O crente verdadeiro não precisa de sinais miraculosos para crer que é salvo. É em sua união com Deus, naquele amor genuíno e humilde que sente por ele, que o crente tem uma certeza de sua filiação para com Deus. Tal amor não pode ter interesses particulares como motivador central. Deve ser um amor direcionado a “excelência da natureza divina”<sup>12</sup>. Uma pessoa pode ter experiências grandiosas que a tornam ainda mais orgulhosa e autossuficiente, se afastando de Deus. A pessoa realmente encontrada por Deus irá ter um novo senso e paladar pela beleza de Deus e pela verdade do Evangelho; ela não é meramente convencida por bons argumentos. Afeições da graça também trazem uma humilhação e arrependimento que as leva até Cristo. O orgulho se esconde na capa da religião e o cristão deve sempre vigiar.

A verdadeira afeição é acompanhada de mansidão, perdão e misericórdia, amor e ternura. A ousadia que Deus nos concede não é sinônima de irreverência, mas de santo temor. Afeições santas também afastam o crente de posições extremadas em suas ações e pensamentos, trazendo mais simetria e proporcionalidade. Alguns escolhem certos pecados para odiar mais, outros escolhem certos mandamentos para cumprir. O crente verdadeiro, por sua vez, odeia todos os seus pecados e busca obedecer sem distinção.

A penúltima marca tem grande importância, porque alguns poderiam imaginar que Edwards defende que o crente não deveria ansiar por realizações espirituais, mas o que ele diz é exatamente o oposto – as afeições da graça trazem um apetite crescente por mais. Quanto mais se ama a Deus, mais se quer amar; quanto mais se odeia o pecado, mais o quer odiar; quanto mais se humilha, mas percebe o quanto precisa se humilhar. “Quanto mais revelações e afeições espirituais tem o verdadeiro cristão, mais ele se assemelha a um mendigo inoportuno, suplicando por fé e alimento espiritual para poder crescer, e mais séria e sinceramente se dedica a essa busca, usando os meios e expedientes adequados”<sup>13</sup>. Sobre experiências fantásticas, muitos hipócritas, segundo Edwards, também as anseiam, mas o fazem pelo conforto imediato que elas trazem, enquanto que verdadeiros cristãos as anseiam apenas se elas os auxiliarem a ter uma vida e um coração mais puro. Por fim, as afeições de graça levam o crente a ter uma vida condizente com sua profissão de fé, frutificando de acordo com sua nova natureza, em especial durante períodos de tentação e provação. Esta é a prova maior que a Bíblia apresenta que demonstra que alguém ama, confia e espera em Deus; é a *experiência religiosa* por excelência.

---

<sup>11</sup> EDWARDS, 2018, p. 154-156

<sup>12</sup> EDWARDS, 2018., p. 164-165.

<sup>13</sup> EDWARDS, 2018., p. 289.

### 3. Nem tudo que reluz é ouro

Jonathan Edwards prega cautela a todos que rapidamente creem ser proveniente do Espírito Santo qualquer experiência extraordinária. “Além do Espírito Santo, há outros espíritos que têm influência na mente dos seres humanos”<sup>14</sup>. Espíritos enganadores podem simular a obra do Espírito e enganar a muitos. O Diabo pode trazer versículos à mente de uma pessoa e levá-la a ter certas afeições. “A sutileza de Satanás e o coração enganoso do ser humano estão habituados sobretudo a falsificar as virtudes e os dons da mais alta estima”<sup>15</sup>. Até mesmo frutos do Espírito como amor e humildade podem ser plagiados pelo Diabo, fazendo com que muitos se enganem de sua salvação. Edwards trata de alguns textos que provam que o Diabo pode atuar trazendo ideias externas, com visões e êxtases, como fazia com falsos profetas e assim conclui: “Se Satanás, ou qualquer se criado, tem poder para imprimir na mente representações exteriores, nenhum tipo de representação exterior pode ser prova de poder divino”<sup>16</sup>. O Diabo se manifesta como anjo de luz, misturando boas verdades com suas mentiras e assim afastando muitos do caminho de Deus.

O coração do homem, enganoso, também pode acreditar estar sob influência de verdadeiras afeições, mas que na verdade são ilusões. Alguns alimentam uma plena certeza de que são salvos, mas é uma confiança “arrogante, arbitrária e impetuosa”<sup>17</sup>, uma falsa esperança baseada em sua própria iluminação. A própria emoção do homem pode envolvê-lo de modo a crer que está tendo experiências com o Espírito que nada mais são que a sua imaginação sendo posta em ação.

Além do Diabo e do coração humano, outra fonte de afeições extraordinárias é o próprio Espírito Santo. Porém, ele não age apenas de modo especial e salvífico, tendo também uma atuação pela graça comum que pode trazer benefícios e dons momentâneos, mas que não significa a conversão daquela alma.

Ocorre com os que se dizem religiosos, especialmente com os que assim se tornam em períodos de derramamento do Espírito de Deus, o que ocorre com a floração na primavera: há um número incontável de flores em cada árvore e todas parecem boas e promissoras, mas muitíssimas jamais virão a ser alguma coisa. [...] Não somos capazes, com nenhum de nossos sentidos, de distinguir com certeza as flores que trazem em si a virtude secreta que depois aparecerá no fruto e a solidez e força interiores que lhes permitem suportar e ser aperfeiçoadas pelo ardente sol do verão, o mesmo que secará as outras. Devemos julgá-las pelo fruto maduro que vem depois, não pelas belas cores e pelo aroma da flor. Assim, os novos convertidos (os que assim se professam), em suas conversações sobre as coisas da religião, talvez pareçam justos e agradabilíssimos, e os santos pensem

---

<sup>14</sup> EDWARDS, 2018., p. 66.

<sup>15</sup> EDWARDS, 2018., p. 71.

<sup>16</sup> EDWARDS, 2018., p. 138.

<sup>17</sup> EDWARDS, 2018., p. 94.

que eles falam com grande sentimento, apreciem seu discurso e imaginem perceber neles um sabor divino e, apesar disso, tudo pode dar em nada<sup>18</sup>.

Está triste realidade é bem verificável no cotidiano da igreja. É praticamente indistinguível a ação do Espírito Santo em graça comum e aquela especial e salvífica num primeiro momento. É necessário que se espere para que se observem os frutos. Como Edwards diz em um de seus sermões: “A graça comum difere da graça especial, pois a influência da primeira se dá apenas no fato de auxiliar a natureza e não na comunicação da graça ou na concessão de algo acima da natureza”<sup>19</sup>. Experiências sensitivas se encontram nesta classe de algo da natureza, embora intensificado, de modo que não são evidências da ação da graça especial. Exemplos como Balaão e Saul demonstram essa verdade<sup>20</sup>. Balaão ouve as palavras de Deus e conhece os planos do Altíssimo, mas era um homem natural. Se a santidade, o homem pode ter variados dons e ir para o inferno<sup>21</sup>.

O conhecimento dessas verdades é de primeira importância, já que “boa parte da falsa religião que tem havido no mundo através dos séculos consiste em falsas revelações como essas e nas afeições que delas decorrem”<sup>22</sup>. Seria tolice um cristão ser crédulo ao ponto de não julgar as profecias e não discernir os espíritos. Edwards conclui com um apelo a que se retorne aos princípios expostos na Palavra de Deus:

São tantos os meios sem influência sobrenatural que podem mover as afeições, são tão diversas as forças motrizes naturais das afeições, são tantos os fatores que às vezes incidem conjuntamente sobre elas – a imaginação (de maneiras inúmeras e insondáveis), a índole natural, a educação, as influências comuns do Espírito de Deus, uma conjunção surpreendente de variadas circunstâncias, alguma coincidência extraordinária no caminho dos pensamentos de um homem, juntamente com a ação sutil de espíritos invisíveis malignos – que nenhuma filosofia ou experiência jamais será suficiente para nos guiar em segurança por esse labirinto se não seguirmos rigorosamente as indicações que Deus nos deixou em sua Palavra<sup>23</sup>.

#### 4. Entre novas e velhas luzes

O período do Grande Despertamento causou intensas discussões entre dois grupos, que viriam a ser conhecidos como Novas e Velhas Luzes. Os Novas Luzes eram apoiadores do avivamento, que enxergavam tudo que estava acontecendo como obra genuína do Espírito Santo. Já os Velhas Luzes percebiam muitos exageros no movimento, de modo que pregavam contra e

<sup>18</sup> EDWARDS, 2018., p. 107-108.

<sup>19</sup> Sermão “Uma Luz Divina e Sobrenatural” em: Jonathan Edwards. **Jonathan Edwards**. Uma antologia. São Paulo: Vida Nova, 2022, p. 151.

<sup>20</sup> Balaão: Números 24.16-17. Saul: 1 Samuel 19.23-24.

<sup>21</sup> Ver: Iain H. Murray, **Jonathan Edwards**. Uma nova biografia. São Paulo: PES, 2015, p. 274.

<sup>22</sup> EDWARDS, 2018, p. 203.

<sup>23</sup> EDWARDS, 2018, p. 260.

não o aceitavam como obra de Deus. Edwards, em vez de assumir a posição em um dos grupos, buscou evidenciar que ambos os grupos possuíam reivindicações corretas e também pontos fracos. Um exemplo desse extremo se dá na avaliação que alguns faziam de homens eloquentes:

Muitos há que, ao testemunharem tais afeições nos outros, são tomados de forte preconceito contra eles. Basta alguém ser eloquente para que estes o condenem, chamando-o de fariseu e hipócrita pretensioso. Em compensação, há outros tantos que, ao presenciarem essas afeições em alguém, logo se precipitam, carregados de ignorância e imprudência, a decidir que esse indivíduo é um genuíno filho de Deus<sup>24</sup>.

Nem os entusiasmados e nem os céticos estavam tendo uma postura correta. “A posição geral de Edwards em relação aos avivamentos combinava *abertura* a novos tipos e graus de experiência espiritual com *cautela* na verificação e na avaliação de todos os fenômenos espirituais<sup>25</sup>”. Alguns estudiosos de Edwards identificam dois momentos em sua vida: em meados da década de 1730, quando estava mais aberto ao avivamento, e ao final da década de 1740, quando estava mais cauteloso. Algumas diferenças entre as obras *Marcas Características da Obra do Espírito de Deus*, de 1741, e *Afeições Religiosas*, revelariam esta crescente tendência à cautela<sup>26</sup>. Apesar disso, fato é que *Afeições* ainda abre espaço e defende o avivamento, bem como *Marcas Características* já pregava muita cautela, de modo que a aparente transformação no pensamento de Edwards pode ser apenas uma mudança estratégica de ênfase.

Contra os Velhas Luzes ele argumenta que as experiências comuns que estavam ocorrendo nas igrejas não iam contra as Escrituras. O mero preconceito porque um movimento é diferente do normalmente observado não o torna errado. Além disso, a emoção é parte constitutiva do ser humano, que é afetado pela vida. Se ele está sendo afetado pelo próprio Deus, não seria de se esperar afeições profundas e poderosas? Experiências de êxtase e de queda são igualmente plausíveis. “Quando os pensamentos estão tão concentrados e as emoções são tão fortes e toda a alma está tão compenetrada, arrebatada e absorvida, não é admirável que todas as outras partes do corpo também sejam afetadas, a ponto de serem privadas de sua força, deixando toda a constituição física a ponto de desabar”<sup>27</sup>. Outrossim, o fato de alguns detraírem o movimento por meio de seu comportamento também não é motivo para descreer na atuação do Espírito. Quanto à afirmação de que o avivamento provoca desordem, Edwards escreve que esse é um argumento ilógico. A ordem está em tudo chegar ao seu fim determinado; o fim dos propósitos religiosos era a

<sup>24</sup> EDWARDS, 2018, p. 60.

<sup>25</sup> Michael J. McClymond e Gerald R. McDermott, **A Teologia de Jonathan Edwards**. São Paulo: Vida Nova, 2023, p. 652.

<sup>26</sup> McClymond; McDermott, 2023, p. 652

<sup>27</sup> Jonathan Edwards, **A verdadeira obra do Espírito**. Sinais de autenticidade Edição do Kindle. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 23.

conversão; no avivamento havia grande conversão de almas; logo, a ordem é respeitada. Por isso ele afirma que se tal mover de Deus é chamado confusão, seria bom que todos os cultos de domingo da terra sejam interrompidos por confusões desse tipo<sup>28</sup>. A obra do Espírito deveria ser então promovida. Edwards chega a dizer que aqueles que estavam se opondo à obra do Espírito poderiam estar cometendo o pecado imperdoável<sup>29</sup>.

Contra os Novas Luzes, ele diz que se deve ter vigilância contra o orgulho espiritual ou autoexaltação por causa das experiências vividas. “O maior privilégio dos profetas e apóstolos não foi o fato de terem sido inspirados e haverem operado milagres, mas sim sua santidade notável”<sup>30</sup>. As pessoas deveriam ter cuidado ao pensar que uma impressão veio de Deus. Muitas vezes isso redundava em fracasso, demonstrando ser mera imaginação humana. Ademais, se dons extraordinários não produzirem bons frutos eles são inúteis ao cristão. Assim ele diz que “preferiria desfrutar durante quinze minutos das influências comuns do Espírito mostrando-me a divina beleza espiritual de Cristo, sua infinita graça e seu amor sacrificial, estimulando o santo exercício da fé, do amor divino, da amável benevolência e do humilde regozijo em Deus a ter visões e revelações proféticas o ano inteiro”<sup>31</sup>.

### **Considerações finais**

Fica claro nos textos analisados que Edwards se posiciona de maneira equilibrada, com humildade e zelo pelas Escrituras, temendo dizer que algo é ou não obra do Espírito. Sua postura é exemplo para uma análise correta dos movimentos e avivamentos, desde que se compreenda o pensamento de Edwards em seu contexto. Abertura e cautela devem ser balanceadas para uma vivência espiritual sadia.

O artigo foi recebido em: 10/10/2023 e aprovado em: 10/01/2024.

---

<sup>28</sup> Edwards, 2010 p. 63.

<sup>29</sup> Edwards, 2010., p. 73.

<sup>30</sup> Edwards, 2010., p. 78.

<sup>31</sup> Edwards, 2010., p. 81.

## Referências bibliográficas

Edwards, Jonathan. A verdadeira obra do Espírito: Sinais de autenticidade. São Paulo: Vida Nova, 2010.

\_\_\_\_\_. Afeições Religiosas. São Paulo: Vida Nova, 2018.

\_\_\_\_\_. Jonathan Edwards: uma antologia. São Paulo: Vida Nova, 2022.

\_\_\_\_\_. The Great Awakening. New Haven and London: Yale University Press, 1972.

Hopkins, Samuel e Hawksley, John. Memoirs of the Rev. Jonathan Edwards. London: W. Hughes, 1815.

McClymond, Michael J. e McDermott, Gerald R. A Teologia de Jonathan Edwards. São Paulo: Vida Nova, 2023.

Murray, Iain H. Jonathan Edwards: uma nova biografia. São Paulo: PES, 2015.